

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL  
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

KARINE GONÇALVES DO Ó NASCIMENTO

**EDUCAÇÃO SEXUAL DE ADOLESCENTES AUTISTAS COM UMA  
TECNOLOGIA EDUCACIONAL: CONTRIBUIÇÕES DA TERAPIA  
OCUPACIONAL**

Recife, 2023.

KARINE GONÇALVES DO Ó NASCIMENTO

**EDUCAÇÃO SEXUAL DE ADOLESCENTES AUTISTAS COM UMA  
TECNOLOGIA EDUCACIONAL: CONTRIBUIÇÕES DA TERAPIA  
OCUPACIONAL**

Artigo científico elaborado segundo as normas da Revista Educação Especial como exigência final para obtenção do grau de Terapeuta Ocupacional, pelo Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Keise Bastos Gomes da Nóbrega

Recife, 2023.

# **Educação sexual de adolescentes autistas com uma tecnologia educacional: contribuições da Terapia Ocupacional**

Sex education for autistic adolescents using educational technology: contributions from Occupational Therapy

Educación sexual para adolescentes autistas mediante tecnología educativa: aportaciones de la Terapia Ocupacional

## **RESUMO**

A adolescência caracteriza-se como uma etapa da vida marcada por mudanças biopsicossociais, além de ser presente o interesse em desenvolver independência e autonomia nas atividades de vida diária e participação social. É geralmente nesta fase que ocorrem as primeiras experiências amorosas e sexuais. Nesse sentido, este estudo tem como objetivo apresentar as contribuições da intervenção terapêutica ocupacional na educação sexual de adolescentes autistas, utilizando uma tecnologia educacional. Trata-se de um estudo de campo de caráter exploratório, de abordagem qualitativa, num serviço para adolescentes com deficiências. Participaram adolescentes de 13 a 19 anos com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista. A coleta de dados se deu em 3 momentos, inicialmente, os responsáveis foram escutados em suas demandas e esclarecidos sobre a pesquisa, respondendo um questionário de caracterização. Em um segundo momento, realizou-se a intervenção terapêutica ocupacional em educação sexual, utilizando-se a tecnologia educacional, com a coleta de dados feita por meio da observação não participante. No terceiro momento foi feita a coleta de dados sobre a percepção deles quanto à intervenção realizada, por meio de entrevista individual. Através da pesquisa, obteve-se que a tecnologia educacional foi efetiva em seu propósito ao oferecer processos e produtos que viabilizam e potencializam a intervenção em educação sexual e a Terapia ocupacional possui conhecimento e domínio para realizar intervenções em educação sexual ao olhar para as ocupações, desenvolver habilidades, estimular a autonomia e a participação social dos adolescentes autistas, como sujeitos de expressão e de desejos.

**Palavras-chave:** Educação Sexual; Adolescentes; Terapia Ocupacional; Transtorno do Espectro Autista.

## **ABSTRACT**

Adolescence is a stage of life marked by biopsychosocial changes, as well as

an interest in developing independence and autonomy in their activities of daily living and social participation. It is generally at this stage that the first love and sexual experiences occur. With this in mind, this study aims to present the contributions of occupational therapy intervention in sex education for autistic young people, using educational technology. This is an exploratory field study, with a qualitative approach, in a service for young adults with disabilities. Adolescents aged between 13 and 19 diagnosed with Autistic Spectrum Disorder took part. Data collection took place in three stages. Initially, those responsible were listened to about their demands and informed about the research, answering a characterization questionnaire. Secondly, an occupational therapy intervention in sex education was carried out, using educational technology, with data collected through non-participant observation. The third step was to collect data on adolescents' perceptions of the intervention carried out, by means of an individual interview. The research showed that educational technology was effective in its purpose of offering processes and products that enable and enhance intervention in sex education, and that occupational therapy has the knowledge and mastery to carry out interventions in sex education by looking at occupations, developing skills, stimulating autonomy and the social participation of autistic adolescents, as subjects of expression and desires.

**Key words:** Sex education; Teenagers ; Occupational therapy; Autism Spectrum Disorder.

## **RESUMEN**

La adolescencia se caracteriza por ser una etapa de la vida marcada por cambios biopsicosociales, así como por el interés en desarrollar independencia y autonomía en sus actividades de la vida diaria y en su participación social. Generalmente, es en esta etapa que ocurren las primeras experiencias amorosas y sexuales. Teniendo en cuenta lo anterior, este estudio pretende presentar los aportes de la intervención de terapia ocupacional en la educación sexual de jóvenes autistas, utilizando tecnología educativa. Se trata de un estudio de campo exploratorio con enfoque cualitativo, realizado en un servicio para jóvenes adultos con discapacidad. Participaron adolescentes de entre 13 y 19 años diagnosticados de Trastorno del Espectro Autista. La recogida de datos se realizó en tres fases: en primer lugar, se escuchó a los responsables sobre sus demandas y se les explicó la investigación respondiendo a un cuestionario de caracterización. En segundo lugar, se llevó a cabo una intervención de terapia ocupacional en educación sexual, utilizando tecnología educativa, y se recogieron datos mediante observación no participante. El tercer paso consistió en recoger datos sobre la percepción de los jóvenes acerca de la intervención realizada, mediante una entrevista individual. La investigación demostró que la terapia ocupacional fue eficaz en su propósito de ofrecer procesos y productos que posibiliten y potencien la intervención en educación sexual, y que la terapia ocupacional tiene el conocimiento y dominio para realizar intervenciones en educación sexual contemplando ocupaciones, desarrollando habilidades, estimulando la autonomía y la participación social de los adolescentes autistas como sujetos de expresión y deseos.

**Palabras clave:** Educación sexual; Adolescentes; Terapia ocupacional; Desorden del espectro autista.

## Introdução

A Organização Mundial da Saúde (OMS) descreve a fase da adolescência como a segunda década da vida, situada entre os 10 e 19 anos de idade, e considera o período dos 15 aos 24 anos como juventude. Para além da faixa etária, esta fase transicional da vida deve ser compreendida em toda a dimensão biopsicossocial, pois é caracterizada por mudanças fisiológicas e psicossociais que refletem na forma de existir e ser em sociedade. A juventude é marcada, entre outras características, pela busca de autonomia sobre as decisões, emoções e ações, pelo desenvolvimento de habilidades e a vivência da sexualidade (OPAS,2017).

Sexualidade é uma energia que nos motiva para encontrar amor, contato, ternura e intimidade. Constitui-se no modo como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, se relaciona também com a nossa saúde física e mental. Sendo assim, é classificada como um dos índices de qualidade de vida do ser humano e não se limita ao ato sexual, englobando questões como: identidade de gênero, orientação sexual, expressão de afeto, intimidade e prazer (OMS,2001).

De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2009) as pessoas com deficiência têm seus direitos sexuais e reprodutivos reconhecidos nacionalmente e internacionalmente, inclusive, à educação sexual. Portanto, os serviços de assistência precisam disponibilizar informações em formato acessível de acordo com os ciclos de vida, bem como, promover espaços de reflexão e discussão sobre o tema da saúde sexual e reprodutiva. Abordar as temáticas sexualidade e educação sexual ainda envolve muitos preconceitos e restrições que geram a censura do assunto nos contextos socioculturais. Todavia, apesar dos entraves faz-se necessária a discussão inclusive em relação às pessoas com alguma deficiência, transtorno ou limitação, a fim de promover vivências saudáveis, autônomas e seguras, além de elucidar alguns equívocos e questionamentos (TILIO, 2017).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades de comunicação e interação social e presença de padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades. O termo “espectro” se dá pela heterogeneidade de apresentação e gravidade dos sintomas, bem como na funcionalidade dos indivíduos com TEA. Já quanto aos níveis de diagnósticos, há três classificações baseadas em suas necessidades de assistência no desempenho funcional: 1) leve - exigindo pouco apoio; 2) moderado - exigindo apoio substancial; 3) severo - exigindo apoio muito substancial (APA, 2022).

À vista disso, em decorrência das limitações nas habilidades de interação social próprias do diagnóstico e as mudanças biopsicossociais advindas do período de transição para o mundo adulto, a sexualidade pode significar uma adversidade para os pais e os adolescentes (AREND et al., 2021). Em seu estudo Tilio (2017) aponta que os cuidadores são resistentes em reconhecerem os jovens autistas

como possuidores de vontades e direitos sexuais, já que percebem a presença de imaturidade nos mesmos. Ademais, escancara a dificuldade dos pais em introduzir o assunto e conseqüentemente lidar com as mudanças físicas e no desenvolvimento, as práticas de masturbação, a verbalização de conteúdo sexual e o latente receio da vulnerabilidade às violências que os adolescentes possam se expor .

Um aspecto relevante apontado por Brilhante et al. (2021) e Tilio (2017) sobre as vivências e limitações na expressão da sexualidade de pessoas com TEA é a percepção social capacitista sobre esse público, que mantém o estereótipo de pessoas angelicais e puras, vistas a partir de sua inocência, incapacidade e infantilização, como consequência, há a negação da sua sexualidade, a falta de educação sexual e dificuldade no manejo dessas questões durante a rotina familiar. Ainda sobre essa ótica social, há a baixa expectativa de envolvimento românticos e o temor em dialogar sobre a temática (BALLAN,2012). Em consequência, jovens com TEA estão expostos a riscos em seu desenvolvimento, a violências e acesso limitado a informações confiáveis sobre a adolescência, expondo a necessidade de intervenções em educação sexual adaptadas para suas demandas (VISSER et al., 2017).

Nesse contexto, em seus achados, Arend et al. (2021) citam que para se obter aperfeiçoamento na prática quanto à temática da sexualidade no autismo, existe a necessidade de educação sexual para esse público através de uma abordagem que inclua os próprios jovens com TEA, visto que ainda há poucas evidências científicas sobre o desenvolvimento e as vivências da sexualidade junto a esse público. Portanto, precisa-se reconhecer a relevância das práticas educacionais como forma de ampliar a proteção pessoal e trazer informação confiável (CURTIS, 2017).

Apesar de a literatura evidenciar a necessidade de educação sexual para adolescentes autistas, ainda faltam recursos adequados para uma educação efetiva. Em concordância, Villamayor (2020), relata a percepção de profissionais da educação sobre a expressão sexual de pessoas autistas em seu estudo e indica a precisão de uma abordagem adaptada e própria para este público, de modo que se torne adequada para o entendimento. Além do mais, Ottoni e Maia (2019) trazem a demanda de intervenções educacionais com a linguagem acessível, que sejam objetivas e claras para este público, aproximando com situações do cotidiano a fim de facilitar a compreensão, já que eles possuem dificuldade de compreender subjetividades.

Dado o exposto, o Terapeuta Ocupacional é um profissional da saúde habilitado para intervir junto a indivíduos com limitações de habilidades e disfunções mentais, sensoriais, físicas e sociais, voltando o olhar para as repercussões dessas alterações sobre a participação e o engajamento nas atividades cotidianas e ocupações. As ocupações são os vários tipos de atividades cotidianas nas quais indivíduos, grupos ou populações se envolvem, incluindo Atividades de Vida Diária, Atividades Instrumentais de Vida Diária, descanso e sono, educação, trabalho, brincar, lazer, e participação social. A participação nas atividades sexuais, ou seja, envolver-se nas diversas formas de expressão da sexualidade e engajar-se em experiências sexuais consigo ou com parceiros é uma atividade de vida diária e deve ser abordada pelo Terapeuta Ocupacional. Fatores pessoais como idade,

identidade de gênero, orientação sexual, educação informal, experiência de vida, entre outros, também influenciam a funcionalidade e a participação ocupacional. Precisam, portanto, serem considerados no processo de intervenção terapêutica ocupacional. Além da funcionalidade e do desempenho de habilidades, terapeutas ocupacionais consideram o envolvimento e a participação inclusiva nos contextos (AOTA, 2020). Assim, práticas de educação sexual podem ser compreendidas como um meio de promover a justiça ocupacional, através do empoderamento e da autogestão para a expressão e a vivência da sexualidade de forma segura e saudável.

O papel do Terapeuta Ocupacional é, portanto, desenvolver em conjunto com os usuários sua autonomia, independência, autoconhecimento, projeto de vida, tendo sempre em mente “alcançar a saúde, bem-estar, e participação na vida por meio do envolvimento na ocupação” (AOTA, 2015, p.3; 2022). Diante disso, é um profissional capacitado para desenvolver e realizar ações e intervenções de educação em saúde que abordem a sexualidade, tão característica da adolescência, respaldados pela AOTA que classifica a atividade sexual, bem como, as relações afetivas e a participação social do indivíduo como uma ocupação.

Neste contexto, Nóbrega (2020) desenvolveu uma tecnologia educacional nominada “Abuso não vai rolar: aprendendo a se proteger” com o objetivo de promover ações de educação sexual voltadas a prevenção do abuso sexual de jovens com deficiência intelectual. O kit educativo contém, um livro interativo com histórias realistas e problematizadoras; um livreto de apoio e um vídeo explicativo, para subsidiar pais e profissionais na utilização desse material e dois bonecos sexuados com acessórios (pêlos, mamas, pênis, roupas de criança e de adolescente) para contribuir com a comunicação e a compreensão dos temas abordados durante a intervenção. No livro são expostos diversos temas no campo da sexualidade como, transformações do corpo, autopercepção corporal, partes íntimas, além de conceitos sobre consentimento, namoro, sexo e abuso sexual, apresentando estratégias de autoproteção e identificação de situações de risco. O livro contém perguntas para identificar o conhecimento primário e para verificar o conhecimento adquirido.

Destaca-se que a tecnologia supracitada foi validada por especialistas em conteúdo e aparência, obtendo um Índice de Validação de Conteúdo total de 0,99, mostrando-se eficaz para ser utilizada na educação sexual de jovens com deficiência intelectual, tornando-se um referencial técnico-científico na área, podendo ser utilizado em serviços assistenciais e educacionais. Durante o processo de validação da TE, as autoras apontaram a possibilidade de o material vir ser utilizado com outros públicos (NÓBREGA et al., 2021).

Assim, o estudo justifica-se devido a sua relevância social e científica diante da carência nas publicações sobre a intervenção da Terapia Ocupacional com adolescentes autistas focados na temática da educação sexual e sexualidade. Além da necessidade de ampliar as discussões sobre a educação sexual voltada para esse público, bem como, apresentar possibilidade de ações da Terapia Ocupacional através de materiais adequados, colaborando para a desmistificação de tabus que o assunto carrega, incentivando estratégias e práticas educativas efetivas, possibilitando o empoderamento das jovens com autismo quanto aos seus corpos,



vivências de sexualidade de forma mais saudável e segura e reduzindo a vulnerabilidade a situações de risco para abuso sexual. Portanto, o objetivo do presente estudo foi apresentar as contribuições da intervenção terapêutica ocupacional na educação sexual de adolescentes autistas, utilizando uma tecnologia educacional.

## **Método**

A pesquisa trata-se de um estudo de campo, com caráter exploratório e abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2002, p.21), a pesquisa de campo qualitativa responde a questões muito particulares e trabalha com os significados, motivos, valores, crenças e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos.

A coleta de dados foi realizada em uma instituição da rede privada, voltada para a convivência e assistência integral e multidisciplinar de adolescentes e jovens adultos com deficiência e TEA. Teve como critério de inclusão, adolescentes de 12 a 19 anos, ambos os sexos, com o diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) que estavam sendo assistidos no serviço supracitado durante o período de coleta da pesquisa. Foram excluídos aqueles que apresentavam outras comorbidades, que inviabilizavam a participação e os que não estavam frequentando o serviço durante o período da coleta.

A pesquisa ocorreu em 3 etapas quanto aos procedimentos metodológicos. Inicialmente ocorreu o contato com a coordenação do serviço para explicar a pesquisa, apresentar a TE e solicitar a indicação dos adolescentes com os critérios de inclusão e seus responsáveis. Ao estarem informados pela coordenação sobre a pesquisa e expressarem interesse, os contatos telefônicos dos responsáveis foram disponibilizados. A partir do contato foi agendada uma reunião online com esses responsáveis para explicar como ocorreria a pesquisa e também a apresentação da tecnologia educacional que seria utilizada na intervenção de educação sexual. Nesse momento, pode-se fazer uma escuta e captar brevemente possíveis demandas, além de pactuar a formalização sobre a participação dos adolescentes com a assinatura do TCLE e preenchimento de questionário de caracterização com questões sociodemográficas e clínicas (sexo, idade, escolaridade, com quantas pessoas reside, irmãos, nível do autismo e informações do responsável).

No segundo momento ocorreu a intervenção terapêutica ocupacional de educação em sexualidade na modalidade individual, realizada pela terapeuta ocupacional pesquisadora, fazendo uso da tecnologia educacional: “Abuso não vai rolar: aprendendo a se proteger” (Figuras 1 e 2). Os dados desse momento foram coletados a partir da observação não participante através de um roteiro de observação que continha os seguintes domínios: interatividade, práxis, participação, motivação, comportamentos, atitudes, linguagens, expressões, comportamento, conhecimento (primário e potencial) e a mediação da terapeuta. A Terapeuta Ocupacional do serviço também participou da pesquisa como observadora.

O terceiro momento ocorreu ao final da intervenção através de uma entrevista individual a fim de captar a percepção dos participantes sobre a intervenção realizada anteriormente. Para isso foram utilizadas questões

norteadoras e recursos visuais para facilitar a comunicação, como ilustrações e pictogramas (Figura 3). Para ampliar as possibilidades de coleta das informações com os jovens, foram utilizadas gravações em vídeo, sendo consideradas expressões verbais e não verbais.

Figura 1- Tecnologia educacional “Abuso não vai rolar: aprendendo a se proteger”



Fonte: Elaboração própria.

Figura 2- Livro interativo com ilustrações realistas



Fonte: Elaboração própria.

Figura 3 - Exemplos de recursos visuais para facilitar a comunicação



Fonte: Elaboração própria.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa com seres humanos da UFPE, parecer nº 6.011.529. Para assegurar o sigilo de identidade e imagem dos participantes da pesquisa serão utilizadas as letras J (Jovem) e T (Terapeuta). Ressalta-se que os responsáveis tiveram autonomia em relação ao consentimento da participação dos filhos no estudo, bem como, os próprios jovens, inclusive, com a possibilidade de desistência ou não responder as perguntas a qualquer momento. Para a garantia de privacidade, a coleta de dados foi realizada em uma sala reservada do serviço, com a presença das pesquisadoras e da terapeuta ocupacional da instituição.

Considerando o caráter qualitativo da pesquisa, os dados foram tratados através da análise temática de conteúdo a partir de Bardin (2009) que indica uma pré-análise das informações para uma melhor organização do conteúdo e sistematização das ideias iniciais para em seguida realizar a exploração do material, na qual os dados são codificados e categorizados para, na etapa final, serem traduzidos e interpretados de acordo com os objetivos previstos.

Os resultados obtidos a partir dos dados analisados servirão de subsídio para o aprimoramento das tecnologias educacionais utilizadas na intervenção, adequando o material para o público com TEA, bem como, para fomentar novos investimentos em programas educacionais. Ao final das intervenções, visando a continuidade do processo educacional, foi realizado um treinamento com os profissionais do local em que a pesquisa ocorreu.

## Resultados

Participaram deste estudo 6 adolescentes com idades entre 13 a 18 anos, quatro deles do sexo masculino e dois do sexo feminino, quatro deles possuem nível 1 e dois com nível 2 de TEA de acordo com o DSM-V. Quanto à comunicação,

metade deles apresenta comunicação não verbal. A maioria apresentava a mãe como cuidadora principal e todos eles frequentavam a escola, no Ensino Fundamental II.

Os dados a partir da intervenção terapêutica ocupacional em educação sexual com os jovens autistas, resultaram em três categorias de análise: **Vivências de sexualidade; Tecnologia Educacional: estratégias para ampliar o conhecimento; Contribuições da Terapia Ocupacional em educação sexual.**

Considerando as verbalizações e também as expressões dos participantes durante as intervenções, observou-se que nenhum dos jovens apresentou desinteresse ou recusa em participar da intervenção educativa em sexualidade.

## 1. Vivências de sexualidade

Inicialmente, a Terapeuta Ocupacional abordou assuntos como a puberdade, transformações corporais, partes íntimas e higiene pessoal para posteriormente dialogar sobre as questões afetivas-sexuais, buscando-se extrair o conhecimento prévio que cada participante possuía.

Em relação à consciência das transformações corporais provenientes da puberdade, mais da metade dos participantes mostrou consciência das mudanças físicas advindas desta fase, comunicando verbalmente ou apontando para as ilustrações dos livros e bonecos. Demonstraram expressões de curiosidade ao ver as imagens de nudez dos personagens, manuseando as abas para ver a sequência das ilustrações em que os corpos (masculino e feminino) iam se despiendo, principalmente, sobre o corpo que representava a fase de adolescente.

Um dos adolescentes parecendo identificar-se com a imagem de nudez do personagem masculino foi olhar suas partes íntimas puxando uma brecha no short.

*T: Isso aqui, como é o nome disso? (diz enquanto aponta para as partes íntimas do personagem masculino)*

*(J6 puxa uma brecha do short para mostrar semelhança com o boneco)*

*T: Sim, eu sei que você tem. Mas você pode me mostrar aqui (indica para que ele mostre na figura)*

*(J6 endireita o short e retorna a atenção para a figura)*

*T: Como é o nome disso? (retorna a perguntar)*

*J6: pelos.*

Entretanto, outros adolescentes, em especial os com funcionalidade reduzida e maior nível de déficit cognitivo, manifestaram não saber compreender e identificar ao certo em que fase da vida se encontravam. Como exemplo desta afirmação temos a expressão da jovem J1 ao ser questionada sobre a fase da vida em que se encontra:

*T: Tu é pequena ou grande? é uma criança, adolescente ou adulta? (enquanto mostra as figuras)*

*T: É criança, adolescente ou adulta?, repete.*

(J1 responde apontando para a figura da criança enquanto sorri).

Quanto ao assunto namoro, todos os adolescentes apresentaram conhecimento, interesse e utilizaram do material da tecnologia educacional para exteriorizar os conhecimentos e sentimentos que a temática envolve.

*T: "Mostra pra mim, como é que namora?"* (Terapeuta Ocupacional)

(J1 dirige os bonecos de frente um para o outro e os junta, fazendo menção a um beijo, enquanto sorri)

*T: O que eles estão fazendo aqui?*

(J2 pega os bonecos e os posicionam frente a frente, encenando um beijo)

*T: Eles são namorados, estão namorando...*

(J2, em seguida, beija-os também.)

*J6: Beijando,* responde enquanto posiciona os bonecos em um beijo.

*T: E o que mais eles fazem?*

(J6 pega os braços do boneco e passa no rosto da boneca, em seguida encena um abraço entre os dois).

A partir disso, ainda é possível observar que a compreensão prévia dos adolescentes em relação ao namoro baseia-se no ato de beijar. Um deles ao perceber a abordagem de educação sexual, trouxe espontaneamente sua vivência sobre o namoro.

*J5: "Eu tenho namorada!"*

[...]

*T: "Como é que namora?"*

*J5: "Assim..."* (posiciona os bonecos em um beijo e emite o som de beijo)

*T: E tu já beijou sua namorada?*

*J5: Já.* (responde prontamente)

Uma adolescente apresentou evitamento quanto às relações afetivas e amorosas, como exposto nas falas e ações observadas abaixo:

*T: Você sabe como que namora? Como é namorar?*

(J3 posiciona os bonecos encenando um beijo)

*T: Você conhece alguém que namora?*

*J3: Eu não gosto do amor, por que não gosto de pessoas*

As dificuldades de participação e interação social, características do Transtorno do Espectro Autista, foram identificadas em todos os participantes da pesquisa, como explicita o jovem quando questionado sobre possuir amigos:

*T: Tu tem amigos?*

*J6: não*

*T: Por quê?*

(J6 não responde enquanto olha para baixo)

*T: Tu acha difícil fazer amigos?*

(J6 faz o sinal de “sim” com as mãos e aponta para o pictograma de positivo, concordando).

Sobre a saúde sexual e reprodutiva, cinco dos participantes não apresentaram conhecimento acerca de temáticas como sexo, abuso sexual, IST's e reprodução.

*T: O que eles estão fazendo? (Mostra uma cena de sexo ilustrada no livro)*

*J5: “estão se beijando”...*

*T: E isso aqui (mostra a cena). O que eles estão fazendo?*

*J6: “pelados” e “lua de mel” (Leu a frase que continha na página).*

Uma das participantes, que possivelmente tinha ciência do que se tratava, inicialmente se recusou a falar sobre sexo, mas em seguida demonstrou curiosidade para saber mais sobre o tema.

*T: [...] aqui tem perguntando, o que é sexo?*

*J3: ah não, não quero saber*

*T: Não quer ler?*

*J3: lê um pouquinho.*

Sobre a temática da masturbação e toque das partes íntimas, foi abordado o conceito de locais públicos e privados, que são adequados e inadequados para sua prática, além do consentimento para tocar as outras pessoas, visto que em conversa prévia com os responsáveis pelos adolescentes, a maioria citou eventos sociais em que havia inadequação quanto às práticas de masturbação e preocupação sobre a vulnerabilidade que essa exposição pode causar. Durante esse momento da intervenção, os participantes permaneceram atentos aos movimentos dos bonecos que simulavam as situações e em seguida perguntava-se sobre os espaços que poderiam ocorrer. Um dos adolescentes teve episódios de auto estimulação durante a intervenção, numa perspectiva de auto regulação sensorial.

*T: Edu fica pelado, mas não pode ficar na frente dos outros. Onde ele fica pelado?*

*T: Às vezes Edu quer se tocar, mas ele só pode se tocar no banheiro. Na rua não pode. Só no banheiro que é um lugar privado. Tá?*

(J6 balança a cabeça em um “sim”)

*T: Não pode fazer isso na escola. Pode?*

(J6 balança a cabeça em um “não”)

## 2. Tecnologia Educacional: estratégias para ampliar o conhecimento

Em primeiro plano, destaca-se que cada participante recebeu a intervenção terapêutica ocupacional em educação sexual de acordo com as singularidades e demandas apresentadas tendo em vista que apesar dos adolescentes possuírem idades semelhantes, a funcionalidade de cada um era divergente pois as características clínicas também eram amplas. Este fator norteou a intervenção educacional já que cada adolescente necessitou de estratégias de mediação diferentes. Diante disso, o aprofundamento dos temas abordados e o processo de intervenção na educação sexual dependeram do nível de funcionalidade, interesse, conhecimento e motivação do educando durante o percurso da ação educativa, respeitando-se o tempo de interação suportado e a compreensão sobre as temáticas abordadas. Geralmente, os com menor nível de funcionalidade demandaram intervenções mais objetivas e aplicadas com os bonecos, enquanto outros possibilitaram uma abordagem com mais detalhamento e maior uso do tempo. A vista disso, destaca-se que a tecnologia educacional precisa ser um produto com uma proposta de ensino-aprendizagem flexível, com diferentes elementos para a mediação e que permita adaptações para cada adolescente.

Uma das adolescentes apresentou muito interesse em saber os detalhes da história contada no livro, demandando espontaneamente a leitura de diversas páginas.

*T: [...] aqui é pra ensinar as meninas a contar pras pessoas uma situação que ela não gostou, nessa aqui o menino quis tirar uma foto dela sem roupa*

*J3: e esse aqui ó? (pergunta enquanto pega outra página do livro)*

*T: esse aqui ele tá tocando nela e ela não está gostando. O que é que tá dizendo aqui? Não pode, conte pra alguém.*

*J3: ler aqui ó (pede para que a terapeuta leia outro trecho)*

É importante ressaltar que para manejar o processo educacional, junto a adolescentes autistas se faz necessário possuir embasamento teórico-prático. Há questões comportamentais, emocionais e sensoriais, que o público autista apresenta, que exigem estratégias e recursos apropriados para facilitar o processo de aprendizagem.

Em segundo plano, percebe-se efetividade e existência de elementos motivadores no material e na sua aplicação para com este público, em especial a presença dos dois bonecos sexuais, visto que a participação e envolvimento dos jovens autistas para com eles foi bastante notório. Destaca-se que os bonecos da tecnologia educacional são confeccionados com malha com enchimento em fibra, imitando a pele humana e trazendo conforto ao toque. Tem cabelos sintéticos e pelos de tecido, tornando-se mais realistas e facilitando a identificação com o público-alvo. Acredita-se que esses detalhes contribuíram para a boa interatividade dos adolescentes, identificação e com o manuseio do material. A seguir, um diálogo que reforça este dado e traz a percepção de uma participante:

*T: E tu aprendeu alguma coisa com esse material?*

*J3: os bonequinhos são fofinhos, e os livros são de confiança e não confiança*

*T: Muito bem! Olha aí que você aprendeu! Tu gostou de fazer assim, a gente conversando e brincando? Gostou de aprender assim?  
J3: sim.*

Além disso, foi fundamental no processo educacional acrescentar estratégias para facilitar a compreensão e a comunicação durante a intervenção. Por esta razão, o processo foi incrementado com o uso de recursos visuais de comunicação (pictogramas) que representavam sentimentos, desejos e ações, ampliando as possibilidades de expressão dos adolescentes e tornando a tecnologia mais acessível para o público. Ademais, percebe-se que a objetividade, a utilização de recursos visuais e concretos são de grande valia na aprendizagem e no engajamento dos adolescentes no processo educacional. Utilizar os interesses de cada jovem pode ser uma estratégia para envolvê-los no processo de novos conhecimentos, principalmente, os que possuem maior agitação psicomotora e alterações das funções executivas como a atenção. Contudo, percebeu-se que com um dos jovens foi preciso utilizar seus próprios materiais de higiene de seu uso pessoal para que houvesse maior identificação, compreensão e interação durante parte da intervenção. Cabe, portanto, ao profissional mediador identificar as demandas de comunicação e aprendizagem do público-alvo para incrementar a sua prática.

*T: (encena a higiene pessoal com o boneco: o banho, passar o sabonete, desodorante e perfume com os materiais presentes no kit)  
(J4 demonstra dispersão e não utiliza os materiais com função)  
T: (pega os materiais de uso pessoal do jovem para utilizá-los)  
(J4 prontamente pega os materiais e faz uso funcionalmente, engajando-se de maneira significativa)*

A partir da observação direta do pesquisador em relação à intervenção em educação sexual sugere-se para ampliar as possibilidades educacionais da TE, o uso de histórias que abordem e descrevam sentimentos e comportamentos diante de situações sociais. Além disso, outra possibilidade seria investir em recursos audiovisuais digitais, curtas metragem e música abordando questões típicas da juventude. Ainda, sobre as possibilidades de aprimoramento, uma das adolescentes retrucou ao ser questionada sobre o que poderia ser acrescentado na tecnologia e a mesma sugere a inclusão de músicas

*T: O que tu acha que a gente poderia adicionar aos materiais?  
J3: Leca tem música?*

### **3. Contribuições da Terapia Ocupacional em educação sexual**

A partir da observação não participante da pesquisadora e das respostas apresentadas dos jovens participantes, acredita-se que a intervenção se mostrou efetiva, trazendo novos conhecimentos e comportamentos, vistos ao longo de todo o processo educativo, expressos em alguns trechos apresentados abaixo.

*(T conta uma história de Leca que aborda o conceito de público e privado e as partes íntimas, depois pergunta para J3)  
[...] "Pode ficar pela casa andando sem roupa? "*



J3: *Não!* (balançando a cabeça negativamente também)

T: (conta a história sobre abuso sexual e a estratégia de contar para um adulto de confiança) : *“...querendo tocar nas partes íntimas de Leca (nome da personagem do livro), querendo beijar Leca a força. Então ela ficou com medo, não gostou daquele toque e começou a chorar e isso é um toque ruim, o que ela deve fazer?”*

J3: *“chamar ajuda”*

T: *Qual o nome disso?* (enquanto mostra a imagem desnuda da personagem feminina e aponta para os seios crescidos)

J6: *não sei*

T: *Não sabe?! São os peitos de Leca, alguns chamam de seios.*

(Em outro momento, o jovem foi questionado novamente).

T: *Qual o nome disso?*

J6: *“peitos”*

Durante o momento de avaliação, foi possível extrair um pouco da percepção dos participantes em relação à intervenção e ficou explícito o interesse e a relação positiva com o material, especialmente, com os bonecos, como descrito abaixo:

T: *Tu gostou?*

J5: *Sim*

T: *O que mais gostou?*

J5: *Do boneco (masculino) e aponta para ele.*

T: *Tu viria de novo? Se te chamasse?*

(J5 responde positivamente)

T: *O que tu mais gostou?*

(J6 faz sinal positivo com as mãos)

T: *Gostou, certo! O que tu mais gostou?* (coloca o livro, bonecos e outros materiais da tecnologia para ele escolher)

(J6 pega no boneco (masculino))

T: *Tu aprendeu alguma coisa hoje? O que tu aprendeu hoje?*

(J6 desliza o dedo na parte escrita do livro que diz: *“O que é ser um adolescente”*)

Uma adolescente se mostrou mais sensibilizada e reflexiva sobre sexo e situações de abuso sexual presente no livro, mas referiu e demonstrou comportamentos de ter gostado de participar da intervenção, inclusive, expressou o interesse pela leitura mais detalhada das histórias.

T: *Você gostou de fazer assim, a gente conversando e brincando? ... de aprender assim?*

J3: *Sim*

T: *Tu gostou né?*

J3: *Só um pouquinho (e abraça a boneca), tô um pouquinho arrasada...*

*T: Porque viu umas situações né? Mas olha, a gente tem que fazer essa atividade para as meninas aprenderem o que fazer, pode acontecer com alguém e a gente tem que saber né, o que fazer.*

*[...]*

*T: O livro explicou fácil ou difícil?*

*J3: fácil e difícil*

*T: mais ou menos, né? Tem coisas fáceis e difíceis*

*T: o que aprendeu de novo que você não sabia?*

*J3: chamar a polícia!*

O processo de avaliação da tecnologia educacional com os adolescentes não verbais, foi compreendido numa perspectiva de processo, considerando a participação ativa, boa interatividade e engajamento dos jovens durante a intervenção. Ao final, a maioria deles, quando perguntados se gostaram da atividade, se expressou por meio de um sinal positivo com as mãos (polegar levantado para cima ou com os pictogramas com essa representação). Quanto aos impactos da intervenção a longo prazo, considera-se que é necessário uma continuidade do processo educacional e observação de suas repercussões no cotidiano, bem como, a manutenção do aprendizado e conhecimentos adquiridos. Sobre isso, acredita-se que a observação da terapeuta ocupacional do serviço durante todo o processo de intervenção contribuirá para a sua formação e utilização da TE na prática profissional em continuidade com os jovens participantes e outros que não puderam participar da pesquisa, já que a mesma será doada e disponibilizada a instituição em que a pesquisa ocorreu. Diante da necessidade em dar continuidade às intervenções sobre a temática, posteriormente às intervenções foi realizada uma capacitação multiprofissional na clínica participante para apresentar a TE e suas possibilidades.

Ao final do processo, obteve-se que a tecnologia educacional foi o principal meio físico facilitador e norteador do processo de intervenção terapêutica ocupacional, possibilitando o alcance de informações e aprendizados, mobilizando o interesse dos adolescentes por ser um produto atrativo, acessível e interativo. Ao terapeuta ocupacional coube o manejo de questões relacionadas ao processo como: domínio da tecnologia, objetividade nas falas, regulação do tempo de intervenção, adequação do ambiente, exigibilidade na complexidade dos temas abordados e uso dos materiais de diversas formas (imagens, objetos, pictogramas) para incentivar a participação dos adolescentes.

Apesar de existirem poucos relatos de prática e pesquisas envolvendo a terapia ocupacional e a educação sexual, a intervenção realizada contribuiu nas questões relacionadas ao processo do adolescer, bem como, conseguiu compreender as repercussões clínicas do autismo sobre a sexualidade e a educação sexual dos adolescentes, buscando a participação social e a inclusão, criando estratégias de engajamento e aprendizagens. A intervenção deu enfoque nas potencialidades e interesses dos participantes para que a partir disso as limitações fossem trabalhadas, colaborando para o desenvolvimento das habilidades desses jovens.

## **Discussão**

Assim como percebido nos resultados da pesquisa, Malerba (2020) pontua em sua pesquisa com adolescentes autistas, a presença do interesse na esfera da sexualidade, bem como a necessidade da abertura ao diálogo sobre o assunto diferentemente do que é socialmente esperado. Além do mais, Gilmour e seus colaboradores (2012) constataram que não existe uma causa fisiológica para afirmarem que os autistas não possuem expressões e interesses sexuais, o que de fato acontece é a escassez dos programas de educação sexual para os mesmos.

Quanto ao processo da puberdade e dificuldade na autopercepção dos adolescentes que surgiram na pesquisa, Bagarollo (2010), aborda que a dificuldade deles em compreender as transformações da adolescência e as alterações na capacidade de autopercepção se dá devido a carência de vivências em diversos âmbitos socioculturais e à restrição na participação social, bem como, está relacionada ao processo de formação de uma imagem corporal diferente da infantil, e terem que lidar com as mudanças nas proporções e formas corporais, com novas sensações e sentimentos, além das demandas sociais (BOSI, 2006).

Assim como descrito na literatura, os adolescentes participantes da pesquisa apresentavam dificuldade de comunicação, interação e participação social. Sobre isso, Serbai e Priotto (2022) enfatizam que no período da adolescência dos jovens com TEA, tais dificuldades podem ser um aspecto que impacta diretamente nas relações afetivas e sexuais, dado concordante com os resultados. Este ponto revela uma dificuldade de os jovens autistas manterem relacionamentos amorosos, experiências reduzidas de amizade e pode ser a explicação para apenas um dos jovens participantes ter mencionado experiências românticas. Em contrapartida, na pesquisa de Hellemans et al. (2007), os adolescentes e jovens adultos com TEA expressaram o desejo de se envolverem em relacionamentos, nutrir afetividade e terem um companheiro igualmente a maioria dos jovens neurotípicos. Nesse sentido, as experiências e expressões sexuais dos jovens autistas são diversas e singulares a cada um (SALA et al. 2020).

Há, portanto, muitas vezes, o desejo sobre essas vivências no campo das relações afetivas e sexuais, mas existem dificuldades no âmbito social, que representam barreiras atitudinais e capacitistas de exclusão, assim como, no campo pessoal, das dificuldades com habilidades sociais e alterações sensoriais, que deixam os adolescentes confusos sobre comportamentos, sentimentos e sensações, limitando suas experiências.

O notório desconhecimento dos participantes diante da temática do abuso sexual, sexo e reprodução tornando-se um dado alarmante de que eles carecem de informações seguras. Em diversos estudos, aparece a preocupação das pessoas com TEA serem socialmente vulneráveis a situações abusivas, às violências e ao bullying (NEWPORT E NEWPORT,2002; BALLAN,2012; VIEIRA,2016). Este processo se dá pela falta de informação visto que estes jovens são cotidianamente dessexualizados por seus cuidadores, o que contribui para a vulnerabilidade e desinformação desta parcela da sociedade (VIEIRA,2016). Ademais, Kehaller (2015) cita que o conhecimento da população autista sobre esses assuntos é considerado menor em comparação aos adultos típicos, já o desejo em envolver-se nas atividades sexuais quando mais velhos não se revela inferior.

Sobre as práticas de masturbação em locais inadequados ter sido uma demanda trazida pelas mães na reunião prévia ao estudo e tornado-se uma temática a ser abordada na intervenção, Cividini-Motta et al. (2019) indica que a falta de educação sexual e de consciência das regras sociais corroboram para tais comportamentos em momentos/locais impróprios. Consoantemente, Tilio (2017) traz que os pais não sabem lidar com as práticas de masturbação e temem a vulnerabilidade que os adolescentes possam se expor ao cometer tais atos. Em razão disto, corrobora-se com a literatura (Ottoni e Maia, 2019; Curtis, 2017) que citam a educação sexual como um fator de proteção, contrapondo-se a exposição às situações de risco que surgem como consequência do silenciamento e falta de informação que a grande parte destes está sujeita a vivenciar (BALLAN, 2012; CURTIS, 2017; MALERBA, 2020). Por isso, Hellemans et al. (2017) expõem a necessidade de se abordar a autoestimulação e ensinar os locais para esses atos na perspectiva do público e privado e dos comportamentos socialmente adequados e inadequados. Em concordância com a literatura e com a demanda apresentada pelos pais, esses conceitos foram abordados com os jovens, que se mostraram atentos e engajados.

Durante a intervenção de educação sexual com esta população destacou-se que cada jovem apresenta suas particularidades quanto a competências motoras, mentais e sensoriais dentro do espectro, assim como na gravidade dos sintomas e no nível de funcionalidade (APA, 2014). A partir de uma análise dos perfis dos participantes é importante considerar que apesar de não haver muita discrepância nas idades dos adolescentes, nota-se a amplitude nas características clínicas e seus impactos na funcionalidade e vida cotidiana. Portanto, é importante considerar a diversidade no espectro autista e a necessidade de a educação sexual ser adaptável e acessível a cada um, considerando suas singularidades (BRILHANTE et al. 2021; SALA et al. 2020). Quanto ao aspecto sensorial, nenhum adolescente que participou recusou tocar nos bonecos sexuais, aspecto positivo a ser pontuado quanto ao material que imita a pele humana no qual a tecnologia foi confeccionada.

Koller (2000) e Ottoni e Maia (2019) citam que as intervenções educacionais para a população autista precisam se constituir em intervenções claras, concretas e visuais. Destaca-se que a tecnologia utilizada para a intervenção, “Abuso não vai rolar: aprendendo a se proteger” foi desenvolvida na perspectiva da acessibilidade de jovens com deficiência intelectual, baseada na teoria de Vygotsky (2012), que explica a dificuldade de pessoas com deficiência intelectual entenderem situações abstratas e subjetivas por isso apresenta-se a partir de recursos concretos, realistas com situações cotidianas (NÓBREGA, 2020). Diante destes dados, reitera-se que essa TE também é possível de ser utilizada com o público autista, pois promoveu aprendizagens, interações e engajamento. Os adolescentes com nível de funcionalidade maior conseguiram melhor interatividade com os materiais e o aprofundamento de conteúdos. Já aqueles com maior limitação funcional interagiram predominantemente com os bonecos sexuais e seus acessórios, sendo a intervenção de maneira mais breve e objetiva.

A comunicação estabelecida foi essencial no processo educativo, para isso foram utilizadas técnicas e recursos facilitadores. No campo das tecnologias assistivas para facilitar os processos de comunicação existe a Comunicação

Alternativa e/ou Ampliada, que consiste em uma prática baseada em evidências que conta com um conjunto de técnicas para ampliar a comunicação além da modalidade oral, podendo se dá através de pranchas de comunicação contendo pictogramas e imagens significativas de figuras que representam emoções, materializam desejos e ações (ISAAC BRASIL, 2015). No estudo utilizou-se de imagens e pictogramas para apoiar a intervenção na acessibilidade do material, principalmente, em relação aos autistas não verbais participantes da pesquisa. Inclusive, Brilhante e seus colaboradores (2021) já denunciavam a carência de estudos acerca da temática com os adolescentes não oralizados, assim como a necessidade de estudos futuros que os incluíssem.

A inclusão de todos os adolescentes autistas, independente do seu nível de funcionalidade na pesquisa, colocando-os como protagonistas de todo o processo, inclusive da avaliação da TE, merece destaque neste estudo, tendo em vista a falta de trabalhos científicos que tenham essa abordagem participativa desses jovens. Para isso, o entendimento da clínica, a utilização de recursos apropriados e a experiência profissional para o manejo das demandas foram essenciais no processo de intervenção.

Para Newport e Newport (2002), autores que contam suas experiências enquanto pessoas incluídas no espectro, o treinamento de habilidades sociais deve funcionar como um pré-requisito para as vivências da sexualidade pois favorecem os vínculos de seus relacionamentos. A seguir, são listadas habilidades comportamentais que necessitam de um ensino estruturado para um programa eficiente de educação sexual:

Basicamente, as habilidades comportamentais devem valer-se de um ensino sistematizado que, no caso das pessoas com TEA são: comunicação assertiva, empatia, identificação de sinais emitidos pelo outro, compreensão da linguagem não verbal e de situações sutis como paquera ou possíveis violências (OTTONI E MAIA, 2019, p.1278)

No âmbito da participação social e atividade sexual, o terapeuta ocupacional pode contribuir, embasado no domínio de sua prática, com o treino das competências sociais que envolvem aspectos fundamentais no relacionamento interpessoal, interferindo assim no melhor desempenho ocupacional de interação social, conseqüentemente, nas relações amigáveis e amorosas (AOTA,2020). Além disso, a Terapia Ocupacional considera também, a educação sexual como um meio para garantir a justiça ocupacional destes adolescentes e ampliar a possibilidade de vivências seguras e autônomas assim como está assegurado no artigo sexto da lei Brasileira de Inclusão (LBI):

A deficiência não afeta a plena capacidade civil da pessoa, inclusive para casar-se e constituir união; exercer direitos sexuais e reprodutivos; exercer o direito de decidir sobre o número de filhos e de ter acesso a informações adequadas sobre reprodução e planejamento familiar; conservar sua fertilidade, sendo vedada a esterilização compulsória; exercer o direito à família e à convivência familiar e comunitária e exercer o direito à guarda, à tutela, à curatela e à adoção, como adotante ou adotando, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas (BRASIL, 2015,p.4).

Apesar das poucas publicações citando a Terapia Ocupacional e a educação sexual, Silva et al. (2023) apontam os terapeutas ocupacionais como agentes contribuidores neste processo e traz a efetividade do uso de metodologias lúdicas nas intervenções com o público autista, como uma possibilidade de aprendizado prazeroso e que desperta curiosidade. Durante a intervenção, este foi um aspecto relevante para manter a interatividade e atenção dos participantes para com a tecnologia educacional. Destaca-se o uso de bonecos associados à ludicidade, que deram suporte para a manutenção do foco, da comunicação, do engajamento e da aprendizagem. Portanto, a inclusão de componentes que remetem o lúdico pode ser uma estratégia eficaz na criação de novas tecnologias educacionais em sexualidade para pessoas autistas.

A tecnologia educacional possibilitou a verificação da efetividade da intervenção devido à oportunidade de checar o conhecimento prévio sobre as temáticas e as aprendizagens construídas durante a aplicação do material. Entretanto, entende-se que o processo de avaliação da tecnologia educacional não deve acontecer apenas por meio de respostas corretas ou positivas, após ou durante a intervenção, mas é preciso aplicá-las no cotidiano.

Diferentemente do programa de educação sexual desenvolvido por Dekker et al. (2015), o Tackling Teenage Training (TTT) que possui duração de seis meses e consegue mensurar que o conhecimento dos jovens sobre sexualidade aumentou consideravelmente tal como as mudanças nos comportamentos e repercussões no cotidiano apontadas pelos pais. Considerando que a aprendizagem e a mudança de comportamentos requerem a repetição e tempo de assimilação, acredita-se que a continuidade da intervenção em educação sexual trará melhores resultados quanto à sua eficácia e aplicabilidade no contexto real, por isso recomenda-se que sejam continuadas por um período maior de tempo.

Por isso, a devolutiva de familiares, acompanhantes e profissionais é uma ferramenta potente para o acompanhamento das intervenções. Em concordância, Dekker et al. (2015) que desenvolveram um programa para educação sexual de pessoas com TEA, trazem como ideal a participação dos três elementos na educação sexual: o profissional especializado, a família e o adolescente. A família tem papel importante em todo o processo da educação sexual oferecendo oportunidades de orientações e respeitando o espaço para a vivências da sexualidade de maneira segura e saudável.

Outro ponto para discussão é a experiência e habilidades do mediador no processo de educação sexual junto a adolescentes autistas. No manejo da intervenção com a TE foi preciso que o profissional condutor da intervenção utilizasse de habilidades como: domínio da tecnologia, da clínica do autismo, dos assuntos sobre sexualidade, flexibilidade da complexidade na abordagem aos temas e uso de diferentes estratégias com cada adolescente. Por conseguinte, foi visto que para uma boa intervenção é necessário aliar o produto e o conhecimento do condutor no processo, como citado por autores de um estudo sobre tecnologias educacionais para abordagens em saúde com adolescentes, no trecho a seguir:

Embora as tecnologias educacionais sejam ferramentas que auxiliem o processo de aprendizagem, sozinhas não promovem resultados. Sendo assim, é preciso que os profissionais desenvolvam habilidades, como o

acolhimento adequado do público-alvo, o desenvolvimento da empatia e que construam espaços para que os adolescentes sintam-se confortáveis de expor seus posicionamentos, angústias e dúvidas (ARAÚJO et al.,2022, p.8)

Por último, entende-se que apesar das limitações, decorrentes do número pequeno de participantes e a dificuldade de generalização da experiência, a intervenção contribuiu para a elucidação de questionamentos, dúvidas e introdução de informações em sexualidade até então desconhecidas pelos adolescentes, além de empoderá-los quanto aos seus corpos e as transformações que passam.

## **Considerações finais**

Com base no objetivo deste estudo, conclui-se que os adolescentes autistas possuem interesse para dialogar sobre questões relacionadas à puberdade e a sexualidade, apesar de terem dificuldades em compreender temas mais complexos e subjetivos, necessitando de estratégias e recursos facilitadores. Apresentam poucas experiências com relacionamentos românticos e amigáveis em relação aos adolescentes típicos devido às dificuldades nas habilidades sociais, emocionais, sensoriais e comportamentais, presentes na grande maioria deles. Aspecto esse que não invalida o fato de serem indivíduos sexuais com desejos e vontades típicas das transformações advindas dessa fase da vida. Além disso, identifica-se a permanência de barreiras sociais capacitistas e exclusivas, fazendo com que não recebam educação sexual, tornando-se vulneráveis a violência sexual e a adoção de comportamentos sexuais inapropriados, como a automanipulação em público.

Sobre as contribuições da tecnologia educacional para a prática de ações da terapia ocupacional em educação sexual, afirma-se que as TE oferecem produtos e processos que viabilizam e são facilitadores da intervenção em educação sexual, desde que sejam adaptadas e acessíveis para o público alvo, bem como, que o profissional tenha propriedade no seu manejo. Além disso, a Terapia Ocupacional possui domínio e o profissional dispõe de habilidades necessárias para realizar práticas em educação sexual ao olhar para as ocupações, desenvolver habilidades, estimular a autonomia e a participação social. Pode contribuir para a desconstrução do ciclo de crenças incapacitantes e tabus que permeiam o cotidiano desses adolescentes, empoderando-os quanto aos seus direitos, exercitando a justiça ocupacional, sobre a autonomia dos seus próprios corpos e o desenvolvimento de habilidades, que favoreçam sua participação social.

Em contrapartida, evidencia-se a necessidade de investimentos no desenvolvimento de novas tecnologias educacionais acessíveis, com linguagem simples, ilustradas, e adaptadas para viabilizar e apoiar a aprendizagem de pessoas com autismo. Ressalta-se a importância ampliar os estudos na área da sexualidade e terapia ocupacional, que incluam a percepção dos próprios adolescentes com TEA e não apenas o ponto de vista dos pais. Busca-se também fomentar intervenções em educação sexual efetivas e a utilização de recursos acessíveis para adolescentes autistas.

O estudo apresenta limitações em relação ao número de participantes e sua abrangência, bem como, sobre o acompanhamento do impacto da intervenção com a TE no cotidiano, tendo em vista que se deu por meio de intervenções pontuais.

Portanto, ressalta-se a necessidade da continuidade do processo educacional, trazendo novas possibilidades de diálogos e construção de conhecimentos. Em contrapartida, esta pesquisa abre espaço, dá visibilidade e protagonismo aos próprios adolescentes com TEA durante o processo, sejam eles verbais ou não, como sujeitos de expressão e de desejos.

## Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION- APA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Distúrbios Mentais (DSM- 5-TR)**. 5 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2022.

AOTA - ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE TERAPIA OCUPACIONAL et al. Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio e processo- traduzida. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 26. p. 1-50, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/issue/view/7332/287> Acesso em: 14 jul. 2022

ARAÚJO, Kellen Cristina et al. Tecnologias educacionais para abordagens de saúde com adolescentes: revisão integrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 35, p.8, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/qjXn5qJPLyKysmr5V8jpirB/> Acesso em: 6 set. 2023.

BAGAROLLO, Maria Fernanda; PANHOCA, Ivone. A constituição da subjetividade de adolescentes autistas: um olhar para as histórias de vida. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.16, p. 231-250. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/DHMpdhgLqyhMZR9PzKYNwQF/?lang=pt> . Acesso em: 26 ago. 2023

BALLAN, Michelle S. Parental perspectives of communication about sexuality in families of children with autism spectrum disorders. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 42, p. 676-684, 2012. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21681591/> Acesso em: 22 ago 2023.

BARDIN Laurence. Análise de conteúdo. **São Paulo: Edições 70**; 2011.

BRASIL. Lei n° 13.146 de 06 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília: 2015. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm) Acesso em: 7 jul 2022.



BOSI, Maria Lúcia et al. Autopercepção da imagem corporal entre estudantes de nutrição: um estudo no município do Rio de Janeiro. **Jornal brasileiro de psiquiatria**, v.55, p.108-113. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/s3Cm7X4z47JbksQmSn8cLSP/abstract/?lang=pt>  
Acesso em: 26 ago. 2023

BRILHANTE, Aline Veras Moraes et al. “Eu não sou um anjo azul”: a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 417-423, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/CLJhwP677n6865nSVZW78hf/>  
Acesso em: 12 abr. 2023

CIVIDINI-MOTTA, Catia et al. Reducing public masturbation in individuals with ASD: An assessment of response interruption procedures. **Behavior Modification**, v. 44, n. 3, p. 429-448, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30632381/>  
Acesso em: 03 set. 2023.

CURTIS, A. Why Sex Education Matters for Adolescents with Autism Spectrum Disorder. **American Journal of Nursing**, v.117, n.6, p.11, 2017. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28541969/> Acesso em: 20 jul. 2023

DE FREITAS AREND, Marcia Helena Rodrigues et al. A sexualidade em adolescentes com transtorno do espectro autista (TEA): Revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6, p. e11810615558-e11810615558, 2021. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/351886537\\_A\\_sexualidade\\_em\\_adolescentes\\_com\\_transtorno\\_do\\_espectro\\_autista\\_TEA\\_Revisao\\_integrativa](https://www.researchgate.net/publication/351886537_A_sexualidade_em_adolescentes_com_transtorno_do_espectro_autista_TEA_Revisao_integrativa) Acesso em: 21 jul 2022.

DEKKER, Linda P. et al. Improving psychosexual knowledge in adolescents with autism spectrum disorder: pilot of the tackling teenage training program. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 45, p. 1532-1540, 2015. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10803-014-2301-9> Acesso em: 21 jul 2022

DE TILIO, Rafael. Transtornos do Espectro Autista e sexualidade: um relato de caso na perspectiva do cuidador. **Psicol. Conoc. Soc.**, Montevideo , v. 7, n. 1, p. 36-58, mayo 2017. Disponível em: [http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1688-70262017000100036](http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-70262017000100036) Acesso em: 21 jul 2022.

GILMOUR, Laura; SCHALOMON, P. Melike; SMITH, Veronica. Sexuality in a community based sample of adults with autism spectrum disorder. **Research in Autism Spectrum Disorders**, v. 6, n. 1, p. 313-318, 2012. Disponível

em:<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1750946711001115> .  
Acesso em: 2 set. 2023.

HELLEMANS, Hans et al. Sexual behavior in high-functioning male adolescents and young adults with autism spectrum disorder. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 37, p. 260-269, 2007. Disponível em:  
em:<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16868848/> Acesso em:29 ago. 2023

KOLLER, Rebecca. Sexuality and Adolescents with Autism. **Sexuality and Disability**, v. 18, n. 2,p. 125-135, 2000. Disponível em:  
<https://abafit.coursewebs.com/Courses/BEHP1096/Autism%20and%20Sexuality.pdf>  
Acesso em: 29 set. 2023.

MALERBA, Victor de Barros. **Sexualidade no transtorno do espectro autista: perspectivas do adolescente, de sua mãe e de seu pai**. 2020. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em:  
<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59141/tde-08022021-192641/pt-br.php>  
Acesso em: 6 ago. 2023

NEWPORT, Jerry; NEWPORT, Mary. Autism-Asperger's & sexuality: puberty and beyond. **Future Horizons**, 2002. Acesso em: 19 jul. 2023

NÓBREGA, Keise Bastos Gomes da. **“Abuso não vai rolar”**: desenvolvimento e validação de uma tecnologia educacional para as adolescentes com deficiência intelectual. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CCS. Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e do Adolescente. Recife, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/38833> Acesso em: 8 mar. 2023

NÓBREGA, Keise Bastos Gomes da. et al. Validação da tecnologia educacional “abuso não vai rolar” para as jovens com deficiência intelectual. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 2793-2806, 2021. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/csc/a/4mLhdJJndFbq6FRpGp9chVG/?format=pdf&lang=pt>  
Acesso em: 8 mar. 2023

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. Ministério da Saúde. **Saúde e sexualidade de adolescentes. Construindo equidade no SUS**. Brasília, DF: OPAS, MS, 2017.

OTTONI, Ana Carla Vieira; MAIA, Ana Claudia Bortolozzi. Considerações sobre a sexualidade e educação sexual de pessoas com transtorno do espectro autista. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 1265-1283, 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12575>  
Acesso em: 26 jul.2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição. **Editora Feevale**, 2013.

DA ROCHA, Maria Vital; DE MESQUITA, Ana Carolina da Costa. LIBERDADE SEXUAL: AUTISMO E A DISPOSIÇÃO AO PRÓPRIO. **Duc In Altum-Cadernos de Direito**, v. 10, n. 22, 2018. Disponível em: <https://revistas.faculdadedamas.edu.br/index.php/cihjur/article/view/974> Acesso em: 23 mar. 2023.

SALA, Giorgia et al. As diverse as the spectrum itself: Trends in sexuality, gender and autism. **Current Developmental Disorders Reports**, v. 7, p. 59-68, 2020. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40474-020-00190-1> Acesso em: 29 set. 2023

SERBAI, Fabiana. **Adolescência e puberdade na perspectiva de adolescentes com autismo, professores(as) e responsáveis**. 2022. 144 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ensino) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu-PR. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/6211> Acesso em: 6 ago. 2023.

SILVA, Priscila; LUNARDI, Paula Tanara Boroski; JUNG, Hildegard Susana. AUTISMO E SEXUALIDADE: METODOLOGIAS LÚDICAS PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA. **Diálogos Interdisciplinares**, v. 13, n. 2, p.22-38, 2023. Disponível em: <https://revistas.brazcubas.br/index.php/dialogos/article/view/1172> Acesso em: 19 jul. 2023

VIEIRA, Ana Carla. **Sexualidade e Transtorno do Espectro Autista: relatos de familiares**. 2016. 164 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências. Bauru, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/143824> Acesso em: 12 ago.2023

LANCHA VILLAMAYO, Vanesa et al. Expresión sexual de las personas con TEA: percepción de los profesionales de la educación. **Siglo cero**, 2020. Disponível em: <https://revistas.usal.es/tres/index.php/0210-1696/article/view/scero20205123353> Acesso em: 5 fev. 2023

VISSER, Kirsten et al. A randomized controlled trial to examine the effects of the Tackling Teenage psychosexual training program for adolescents with autism spectrum disorder. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 58, n. 7, p. 840-850, 2017. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28276079/> . Acesso em: 7 fev. 2023

## **Anexos**

### **Anexo I- Normas da revista Educação especial da Universidade Federal de Santa Maria:**

#### **Os autores deverão observar as seguintes instruções específicas:**

3. O texto poderá ser redigido em língua portuguesa, espanhola, ou inglesa.
4. **O texto deve estar configurado em fonte Arial, 12 pts, justificado, espaçamento simples.** Figuras deverão vir anexadas junto ao texto no arquivo word, em formato JPEG. Tabelas ou quadros deverão ser elaboradas através da própria ferramenta de tabelas do word, com dimensões adequadas. Inserir este arquivo em: transferência do manuscrito. Deverá, ainda, ser enviado ao Presidente da Comissão Editorial, via Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), ou seja, online: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial>, que os submeterá ao juízo do Conselho Editorial.
5. O texto, em geral, deverá ter uma extensão entre **4.000 e 7.000** palavras, desconsiderando na contagem das palavras o resumo, abstract e as referências.
7. Cada artigo deverá ser encabeçado por um título em **português, inglês e espanhol** e resumo de, **no máximo, 250 e, no mínimo, 150 palavras**, em **português, espanhol e inglês** (abstract) – (Ver NBR-6028/nov. 2003 da ABNT). O resumo não deverá ser redigido na primeira pessoa e deverá conter o foco temático, o objetivo, o método, os resultados e as conclusões do trabalho. Deverão ser indicadas três palavras-chave, em **português, espanhol e inglês**.

Os textos devem ser inéditos e podem ser escritos em português, espanhol e inglês.

8. As **notas de fim de texto** devem ser utilizadas para algumas informações de caráter explicativo, não excedendo a utilização de 200 palavras, cada.

9. A revisão ortográfica e gramatical é de responsabilidade do(s) autor(es).

10. O número de autores por artigo é de, no máximo, **cinco**. Após o terceiro autor, deve-se informar qual função cada um dos autores (o quarto e o quinto) exerceram junto ao texto. Essa informação deve ser enviada através de uma declaração inserida como documento suplementar no momento da submissão.

11. A redação do texto, citações e referências deverão ser redigidas segundo as normas da ABNT (NBR-6023/ago. 2002). Incluir somente obras mencionadas no texto.